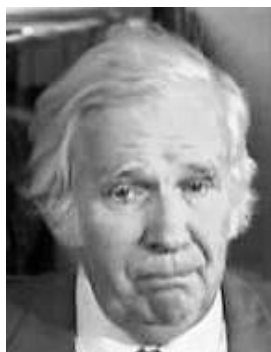


# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



**BIRMINGHAM, David (1938)**

O britânico David Birmingham foi parte de uma tendência historiográfica, em meados do século XX, de valorização e estudo do passado africano. Em oposição a um paradigma anterior para o qual os povos da África subsariana praticamente “não tinham história” antes do contacto com os europeus, nomes como Jan Vansina e J. Cuvelier estudaram os registos escritos e orais, a par das descobertas arqueológicas, em busca de conhecimento sobre os grandes reinos do universo bantu, expandindo a história de África para a tornar mais do que um apêndice da história colonial europeia.

Birmingham juntou a sua pena a esta corrente. O Autor nasceu em 1938. Formou-se na Universidade do Gana e, enquanto era lá aluno, teve oportunidade de visitar primeiro Portugal (em 1960) e depois Angola (1963). Já tinha, em 1959, estado em Moçambique. No período posterior à independência destes dois últimos voltaria a viajar várias vezes por ambos. Em Londres, conheceu e auxiliou Agostinho Neto, então lá exilado. Foi em 1964 que defendeu a sua tese de doutoramento, pela University of London, intitulada *Trade and conflict in Angola: the Mbundu and their neighbours under the influence of the Portuguese 1483-1790*, publicada dois anos depois. Viria a ser professor nessa mesma instituição, na década de 1970, mais especificamente na SOAS, a School of Oriental and African Studies daquela universidade. Em 1980, tornou-se professor de história moderna na University of Kent, onde permaneceu até se jubilar. Ainda lecionou brevemente, em 1987, na Universidade de Luanda e na do Lubango, a convite do Ministério da Cultura de Angola.

Coeditou duas obras coletivas sobre história africana: *Pre-colonial African Trade*, com Richard Gray, e *History of Central Africa* em três volumes, com Phyllis Martin. A área de estudo de Birmingham foi a história da chamada *África central*, em especial – mas não apenas – do espaço angolano. Interessavam-lhe os reinos, povos e comunidades africanas, a sua evolução política, organização social e atividade económica. Cruzando e conjugando a história oral africana e os registos escritos europeus (inclusive os que consultou nos arquivos lisboetas e luandinos, além da monumental recolha de documentação missionária de António Brásio), o Autor procurou descrever reinos como os do Kongo, Ndongo, Cassanje ou o império Lunda e analisar a sua história nos séculos XV a XVIII. Tal não significa que não se tenha ocupado da presença de



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

portugueses e demais europeus em África e pelas suas políticas coloniais; pelo contrário, estudou-a na perspetiva das transformações que essa presença induziu na região centro-africana, das relações comerciais e bélicas que estabeleceu com os seus povos e da forma como estes procuraram, com ou sem sucesso, adaptar-se e responder a esta nova realidade.

O Autor salienta que a chegada dos europeus provocou uma reorientação dos povos africanos para ocidente e para o mar, até então uma mera barreira com pouco interesse. Novas possibilidades económicas levaram à ascensão de estados bélicos e mercantis que participaram ativamente – e tentaram exercer controlo – no tráfico escravagista. Alguns, como o Ndongo, rivalizaram com os portugueses e foram por eles destruídos. Aos reinos bem-sucedidos é atribuída responsabilidade pelo facto de os portugueses não terem penetrado mais profundamente no continente, conseguindo estados como o Cassanje assegurar para si um papel de intermediários no tráfico entre os mercadores marítimos da costa e os grandes fornecedores do interior.

Os primeiros trabalhos do historiador ocuparam-se em grande parte das sucessivas políticas dos portugueses (particularmente da colónia de Luanda) nos primeiros séculos da sua presença em Angola, cobrindo todo o período pré-colonial. Se, para Birmingham, tal presença foi consistentemente caracterizada pela “aplicação da política económica, mediante a força das armas” (Birmingham, *Portugal e África*, 2003, p. 138), as estratégias que guiaram essa política não foram imutáveis, passando por uma fase inicial mais centrada no comércio, seguida por um longo período de guerras e campanhas militares de conquista – com sucesso algo limitado – antes de um regresso ao predomínio da atividade comercial. Contudo, mesmo nas fases relativamente mais “pacíficas” os portugueses faziam amplo uso da violência, procurando dessa forma assegurar um monopólio comercial e outras vantagens.

Os interesses económicos foram um foco particularmente importante para Birmingham e através deles o Autor explicava a contínua presença portuguesa em África. Sem ignorar o zelo religioso e missionário, na sua visão o que compelia os portugueses em Angola eram as vantagens económicas, reais ou imaginadas: as minas de sal, os alegados depósitos minerais (de prata, ouro ou cobre) e, acima de tudo, os escravos. O tráfico destes assumiu, como é bem sabido, proporções gigantescas e tornou-se praticamente a única fonte de riqueza da região. O historiador defendeu, tal como Charles Boxer, que o volume deste tráfico impediu o desenvolvimento de quaisquer outras atividades produtivas em Angola, reorganizando toda a economia para a pôr ao serviço de uma única forma de comércio, quer do lado dos colonos de Luanda, quer dos potentados africanos vizinhos. As campanhas militares portuguesas destinavam-se igualmente à captura de escravos ou à “pacificação” e controlo das rotas por onde chegavam a Luanda e Benguela. Por essas razões e pela depredação demográfica que causou, o impacto do tráfico na região foi imenso. Somente depois da abolição do tráfico e da própria escravatura é que Angola passou, lentamente, a voltar-se para outros recursos económicos, como o café (cuja exploração no Cassanje o Autor analisou num artigo de 1979), os diamantes e o petróleo.



As primeiras obras deste Autor, focadas no período pré-contemporâneo, foram escritas quando Angola era ainda uma colónia portuguesa. Foi só após a independência de 1975 que começou a dedicar-se a temas da história mais recente. Analisou, por exemplo, a evolução dos vários movimentos nacionalistas em Angola e Moçambique antes, durante e após a guerra, associando as suas origens – no caso angolano – aos diferentes grupos etnolinguísticos que compõem o território, bem como a clivagens socioeconómicas, educacionais e inclusive religiosas.

A sua *História de Angola*, de 2015, manteve esse foco no período contemporâneo, desde a independência do Brasil, momento em que Portugal foi forçado a alterar completamente a sua política para África, até aos anos '90 do século XX. Nesta obra, o foco está mais na colonização europeia do que nos povos africanos, embora estes não fiquem esquecidos. São descritas as estratégias portuguesas para expandir o território sob seu controlo e transformar o que era essencialmente um entreposto negreiro numa colónia produtiva e desenvolvida. A descrição das tentativas de renovação económica através do povoamento branco e do desenvolvimento agrícola são acompanhadas por reflexões sobre as mutações na sociedade. Birmingham via na chegada de colonos portugueses em maior escala no séc. XX (na sua maioria trabalhadores pobres) as raízes da passagem de um contexto colonial urbano marcado pela *mestiçagem* e por uma relativamente pacífica coexistência racial – embora não sem discriminações – a uma realidade social muito mais discriminatória, segregada e opressiva, que atingiu o seu pico com o Estado Novo. Este fator contribuiu significativamente, a par da intensa exploração económica e do clima internacional, para o desabrochar das revoltas e dos movimentos de combate ao domínio imperialista. A análise do historiador quanto às primeiras décadas de Angola como estado independente é igualmente detalhada.

David Birmingham redigiu também, em 1983, uma história de Portugal, que tem a peculiaridade de “começar” na Restauração da Independência de 1640, tratando todo o período anterior no capítulo introdutório. Embora mais destinada à divulgação, é uma obra bastante analítica e compreensiva, na qual, como habitual no Autor, a narrativa socioeconómica tem predominância, seja no considerar os interesses em conflito dos vários grupos sociais portugueses (burguesia comercial, terratenentes, etc.), seja no relato das várias tentativas de desenvolver as forças produtivas do país e solucionar o seu atraso económico, procurando explicar as razões do falhanço de cada uma. A influência da situação internacional é também frequentemente mencionada, sobretudo a do Reino Unido. O historiador britânico revelou nesta obra algum apreço pela Primeira República, salientando as suas conquistas, sem deixar de reconhecer as suas limitações, e, inversamente, uma notória antipatia pelo Estado Novo de Salazar e Caetano.

Apesar desta passagem pela história portuguesa, o seu interesse manteve-se centrado em África e foi a ela que se dedicou com mais frequência nas últimas décadas. Ainda na década de 1960, momento em que a África lusófona estava debaixo do jugo colonial e uma abordagem africanista da história era incomum, David Birmingham muito fizera por representar os povos africanos como agentes complexos e ativos, com estruturas, instituições e história próprias, com processos de continuidade e mutação a par e passo com a



chegada e expansão dos europeus no seu continente.

### Bibliografia ativa

BIRMINGHAM, David, *The Portuguese conquest of Angola*, Londres, Institute of Race Relations e Oxford University Press, 1965; *Trade and conflict in Angola: the Mbundu and their neighbours under the influence of the Portuguese 1483-1790*, Oxford, Clarendon Press, 1966; e GRAY, Richard (ed.) *Pre-colonial African Trade: essays on trade in Central and Eastern Africa before 1900*, Londres, Oxford University Press, 1970; e MARTIN, Phyllis M. (ed.), *History of Central Africa*, Londres, Longman, 1983; *Frontline nationalism in Angola & Mozambique*, Londres, Africa World Press, 1992; *A Concise History of Portugal*, Cambridge, Cambridge University Press, 1993; *Portugal e África*, tradução e prefácio de Arlindo Barbeitos, Lisboa, Vega, 2003 (ed. original de 1999); *Breve história da Angola moderna (séc. XIX-XXI)*, tradução de Rita Guerra de Carvalho, Lisboa, Guerra & Paz, 2016 (ed. original de 2015).

Tiago Seixas dos Santos